

# FORMAS DE SILENCIAMENTO DO COLONIALISMO E EPISTEMÍCIDIO: APONTAMENTOS PARA O DEBATE

Mireile Silva Martins Graduanda em Serviço Social FACES/UFU

Júlia Francisca Gomes Simões Moita Professora do curso de Serviço Social FACES/UFU

### Introdução

No presente artigo faremos traremos alguns apontamentos sobre colonialismo, violência epistêmica, epistemicídio e como estes fatores impactaram diretamente na produção do conhecimento. O objetivo é conhecer as diferentes estratégias conceituais para o enfrentamento da visão eurocentrada para a construção das epistemologias.

Para tanto apresentaremos uma análise feita pela escritora e artista Grada Kilomba em relação à máscara facial de metal, que foi um instrumento de tortura e que é um símbolo das políticas de silenciamento do colonialismo. Trazendo para o debate o quanto este instrumento corroborou para a violência epistêmica, visto que, ao tapar a boca do sujeito negro com a máscara o mesmo era impedido de falar, ocasionando uma relação extremamente desigual de saber-poder. E é dentro dessa perspectiva de sujeitos que foram historicamente silenciados que a sociedade passa a construir-se epistemologicamente dentro de uma perspectiva única que é a branca colonial e patriarcal.

Além desta análise para embasar a discussão sobre epitemologias e o conceito de epistemicídio utilizaremos os autores Boaventura de Sousa Santos e Sueli Carneiro.

#### A máscara facial de metal como instrumento concreto de silenciamento do colonialismo

Compreendendo a linguagem também como mecanismo de manutenção do poder, colocamos em voga as estratégias de silenciamento¹ como processos ideológicos, simbólicos e históricos existentes no período colonial, para iniciarmos os apontamentos que propomos neste artigo centraremo-nos à máscara facial de metal, presente na imagem abaixo



Figura 1. Jacques Arago. "Escrava Anastácia", 1817-1818 Escrava Anastácia<sup>2</sup>

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> O significado de silenciamento, aqui, não é o silêncio por si só, mas o impor o silêncio. Silenciamento forçado.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Trazemos esta imagem que é um retrato da Escrava Anastácia feito por Jacques Arago, por considerarmos que a mesma vai ao encontro com o que será discutido neste capítulo ao mencionarmos sobre a negação de humanidade da população negra no período de colonização, e sobretudo para enfatizarmos as brutais formas de silenciamento, sendo a máscara facial de metal uma delas. Falando um pouco sobre a mulher da imagem, sem história oficial, alguns dizem que Anastácia era filha de uma família real Kimbundo, nascida em Angola, sequestrada e levada para a Bahia Brasil e escravizada por uma família portuguesa. Após o retorno desta família para Portugal, ela teria sido vendida a um dono de uma plantação de cana-de-açúcar. Outros alegam que ela teria sido uma princesa Nagô/Yorubá antes de ter sido capturada por traficantes de escravos europeus e trazida para o Brasil. Enquanto outros ainda contam que a Bahia foi seu local de nascimento. Seu nome africano é desconhecido. Anastácia foi o nome dado a ela durante a escravidão. Segundo todos os relatos, ela foi forçada a usar um colar de ferro muito pesado, além da máscara facial que a impedia de falar. As razões dadas para este castigo variam: Alguns relatam seu ativismo político no auxílio em fugas de outros(as) escravizados(as); outros dizem que ela havia resistido às investidas sexuais do mestre branco. Outra versão ainda transfere a culpa para o ciúme de uma sinhá que temia a beleza de Anastásia. A ela é alegada a história de possuir poderes de cura imensos e de ter realizado milagres. Anastásia era vista como santa entre escravizados(as) africanos(as). Após um longo período de sofrimento, ela morre de tétano causado pelo colar de ferro ao redor de seu pescoco. O retrato de Anastácia foi feito por um francês de 27 anos chamado Jacques Arago que se juntou a uma expedição científica pelo Brasil como desenhista, entre dezembro de 1817 e janeiro de 1818. Há outros desenhos de



Com as considerações da análise feita pela escritora, ensaísta e artista interdisciplinar, Grada Kilomba, são-tomense e angolana, doutora em Psicologia Clínica e Psicanálise pela Freie Universitat, na Alemanha, construiremos então a base de nossa reflexão para falarmos sobre a máscara facial de metal.

#### De acordo com Grada Kilomba

A máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar, cacau ou café, enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo. (2010. p.1)

Justificava-se o uso da máscara no sujeito negro(a) escravizado(a) como algo essencial para o impedimento de que o(a) mesmo(a) não consiga possuir algo que era pertencente aos senhores brancos.

No entanto, seguindo em conformidade com a autora a máscara representa o colonialismo<sup>3</sup> como um todo, simbolizando as políticas mais sádicas de dominação e regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) 'outros(as)'. (Kilomba, 2010). Assim, a boca ao ser completamente coberta pela máscara torna-se então uma metáfora de quem controla quem fala. Ao se referir a este silenciamento forçado, trazemos as indagações de Grada Kilomba (2010)

Quem pode falar? Quem não pode? E acima de tudo, sobre o que podemos falar? Por que a boca do sujeito Negro tem que ser

máscaras cobrindo o rosto inteiro somente com dois furos para os olhos; estas eram usadas para prevenir o ato de comer terra, uma prática entre escravizados(as) africanos(as) para cometer suicídio. Na segunda metade do século XX a figura de Anastácia começou a se tornar símbolo da brutalidade da escravidão e seu contínuo legado (Handler & Hayes, 2009)

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Consideramos colonialismo como "o conjunto de trocas extremamente desiguais que assentam na privação da humanidade da parte mais fraca como condição para a sobreexplorar ou para excluir como descartável" (SOUSA, 2010, p. 37)



calada? Por que ela, ele, ou eles/elas têm de ser silenciados/as? O que o sujeito Negro poderia dizer se a sua boca não estivesse tampada? E o que é que o sujeito branco teria que ouvir?

No âmbito da exploração e opressão de uma raça/etnia sobre a outra, a boca torna-se então o órgão de opressão por excelência, por ser o órgão que poderia enunciar verdades desagradáveis sobre o período de colonização por meio da exploração, esta precisou, portanto ser severamente confinada, controlada e colonizada (Kilomba, 2010).

É dentro desse projeto de sociedade que o colonialismo criou identidades, assim legitimando umas e deslegitimando outras, construindo de modo desigual o poder de articulação, e até mesmo poder de existência, pois privilegiou certos grupos em detrimento de outros.

No período colonial e pós colonial ainda em regime escravocrata no Brasil (1500-1888) a ideologia de que a população que foi escravizada deva continuar no lugar de subalternidade e de inferioridade permanece no imaginário social. Com o fim do regime escravocrata a população negra passa a ser 'liberta' da condição de escravizada, porém esta população não encontra uma estrutura, base sócio-econômica para sua organização efetiva na sociedade. Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República no Brasil, em 1889. E este novo sistema político, entretanto, ainda não assegura profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra (DOMINGUES, 2007)

Assim, o cenário histórico imposto a população negra que se tornou marginalizada pelo sistema escravista, e que, não proporcionou qualquer tipo de equidade, ou justiça social nas relações de trabalho entre escravocratas e escravizados fez com os mesmo herdassem todo estigma que fora atrelado ao trabalho que aqueles sujeitos desenvolveram.

Mesmo com o estigma sob a população negra alguns autores<sup>4</sup> passam a sistematizar a idéia do discurso da 'democracia racial' para desmitificar a discriminação e desigualdade racial, como por exemplo, podemos ver no descrito por Freyre nos anos de 1930 na obra Casa

-

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Ver ANDREWS (1997); BERNARDINO (2002); HOFBAUER, (2006); GOMES, T. (2007); MAIO, (1999a); A.GUIMARÃES (2002).



Grande Senzala<sup>5</sup>. A democracia racial que Freyre nos trazia em sua obra seria uma nova construção do passado do país, uma ideologia completamente de falsa ilusão que se definiu com "ausência de preconceito e discriminação racial no Brasil e, consequentemente, pela existência de oportunidades econômicas e sociais iguais para negros e brancos" (HASENBALG, 1979, p.242).

Entretanto, Florestan Fernandes (1972) corajosamente vem romper com essa e visões anteriores a esta negando a democracia racial, colocando a mesma como um mito e que como todo mito, a tal da democracia racial ocultava algo para além daquilo que mostrava, apresentando-nos dados que comprovaram que o desenvolvimento do capitalismo no Brasil não teve como seguimento a integração do negro na sociedade de classes.

O término do modo de produção escravista no Brasil representou "episódio decisivo de uma revolução social feita por brancos e para o branco" (FERNANDES, 1972, p. 46), visto que os negros, reais vítimas desse modo de produção não participaram dessas alterações que a sociedade passava. Permanecendo as elites econômicas compostas pela raça dominante, brancos, definindo como bem quiseram os rumos políticos, econômicos e culturais que diziam respeito aos agora, ex escravizados.

Em termos políticos embora tenha acabado o colonialismo, permanece na mentalidade e socialmente o discurso excludente e opressor (SOUSA, 2010).

Romper com o colonialismo não fez com que a descolonização acontecesse, Florestan nos diz ainda, que a descolonização não aconteceu por concreto, e que a mesma ainda está em processo. O que desapareceu historicamente — o mundo colonial— subsiste institucional e funcionalmente, ainda que de forma variável e desigual, conforme os níveis de organização da vida humana que se considerem (FERNANDES, 1972, p. 260)

Em consonância com Fernandes, utilizamos Munanga que aponta que

Essa substituição não muda nada à realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> "O mito da democracia racial não nasceu com a publicação de Casa-grande & senzala, mas ganhou através dessa obra, sistematização e status científico (...)" (BERNARDINO, 2002, p.251).



Encontro de Ensino de História

ISSN 2179-5665

não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas de hoje são as mesma de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. (MUNANGA 2006. p. 13)

Sob os mesmos pontos de vista dos autores apresentados, concordamos que, no conjunto das relações sociais no Brasil mesmo pós-colônia, mantém em sua forma de organização a exclusão, o preconceito e a discriminação racial, e estes têm se sistematizado a partir de novos conceitos, formas, e práticas.

A violência e dominação do período colonial permanecem, mesmo com suas sutilezas. Por esse ângulo o posicionamento de Franz Fanon nos permite identificar o quanto a prática de negação da humanidade não se restringiu aos territórios colonialmente ocupados, mas como também se configurou como eixo estruturante da própria modernidade, como enfatiza: "Sim! A civilização européia e seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial". (FANON, 2008, p. 88-89).

#### Descolonização epistemológica do conhecimento

Para além de todas as dominações apresentadas sobre o colonialismo, continuaremos a reflexão agora em torno da construção do conhecimento compreendendo que a reprodução de poder racial nas relações sociais reflete também em interesses específicos de toda uma sociedade que passa a construir-se epistemologicamente dentro de uma perspectiva branca colonial e patriarcal, a partir de uma relação extremamente desigual de saber-poder que, historicamente e de modo sistemático tem colocado em um espaço de subalternidade o conhecimento e formas de saber dos povos e nações colonizados dando existência à dominação epistemológica.

Em vista disso, para compreendermos sobre dominação epistemológica iniciemos pelo significado do termo epistemologia. O termo é composto pela palavra grega *episteme*, que significa conhecimento, e *logos*, que significa ciência. Epistemologia é, então, a ciência da aquisição de conhecimento (Kilomba, 2008 p.04)

A autora Grada Kilomba nos diz que é a epistemologia que determina

1.(os temas) quais temas ou tópicos merecem atenção e quais questões são dignas de serem feitas com o intuito de produzir conhecimento verdadeiro. 2. (os paradigmas) quais narrativas e interpretações podem ser usadas para explicar um fenômeno, isto é, a partir de qual perspectiva o conhecimento verdadeiro pode ser produzido. 3. (os métodos) e quais maneiras e formatos podem ser usados para a produção de conhecimento confiável e verdadeiro. (Kilomba, 2008, p.05)

Efetivamente, é a epistemologia que define como e quem produz o conhecimento verdadeiro e ainda, em quem devemos acreditar.

Os conhecimentos científicos também vêm sendo historicamente construídos e dominados a partir de uma única perspectiva epistemológica, em conseqüência disso temos epistemologias que vêm sendo apagadas e silenciadas, logo voltamos ao que refletimos no início desse capitulo, sobre 'silenciamento do subalterno' só que dessa vez, das *epistemes*, dos saberes. A saber, que, há uma soberania epistêmica desenvolvida a partir da exclusão e silenciamento de povos e culturas que, ao longo da História, foram dominados pelo capitalismo e colonialismo.

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (SANTOS; MENESES, 2010, p. 7).

Assim, a construção do saber se torna colonizado, e esta é uma violência que é uma estratégia de manutenção das relações desiguais, podendo tomar diversas formas, por exemplo, mecanismos de imposição econômica, política e cultural (SOUSA, 2010).

Encontramos nesse sentido o conceito de colonialismo epistemológico que nos traz Fanon, e, em uma mesma perspectiva, Paul Gilroy, historiador, escritor e ex-professor de Yale, ao se referir à produção do conhecimento que é construída por uma única epistemologia utiliza o conceito de racismo epistêmico. Segundo o autor, racismo epistêmico é o que faz com que o conhecimento acadêmico seja dominado por uma razão branco-ocidental e marcada por um conhecimento "universal" oriundo das particularidades branco-europeias que toma o local como global (Gilroy, 2001).



De acordo com a filósofa Sueli Carneiro o racismo epistêmico tem sido um instrumento operacional que tem contribuído fortemente para a consolidação das hierarquias raciais que são produzidas pelo próprio epistemicídio (Carneiro, 2005).

O epistemicídio se realiza através de múltiplas ações que se articulam e se retroalimentam, relacionando-se tanto com o acesso e/ou a permanência no sistema educacional, como com o rebaixamento da capacidade cognitiva do alunado negro (Carneiro, 2005). Logo, é no campo da educação que o racismo epistêmico encontra também um grande espaço para a reprodução dos dispositivos de dominação e hierarquia racial.

No Brasil o racismo epistêmico tem sido responsável pela consolidação de campos de saberes altamente hierarquizados, e assim, constrói-se dia após dia campos de saberes nos quais toda uma racionalidade afro-descendente ou negra é ausente, sub-representada ou estereotipada.

De maneira geral, o campo de conhecimentos presente, sobretudo nas universidades, quando estudado de maneira mais aprofundada revela uma arena de disputas na qual se discute um corpo de conhecimentos, que se alocam em áreas específicas, e por outro lado um conjunto de saberes que reivindicam reconhecimento e validade, mas que tende a ser estereotipado e na melhor das alternativas ser classificado como "discurso militante" (Carneiro, 2005)

Boaventura de Sousa Santos (1995) ao pontuar o conceito de epistemicídio o coloca como um processo de destituição da civilização, racionalidade e cultura do Outro. Boaventura ainda expõe o genocídio e o epistemicídio como dois elementos que foram fundamentais e complementares a violência do processo colonial. Ao se tratar do epistemicídio o autor ainda afirma que o mesmo é mais devastador e abrangente que o genocídio arraigado pelos europeus durante o período de colonização

o genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou,



# Sociedade, Cultura, Patrimônio

Encontro de Ensino de História

25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018

ISSN 2179-5665

durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais)." (Santos, 1995, p. 328).

Sob o olhar de Boaventura (1997) o epistemicídio se constituiu e se constitui em uma das ferramentas mais duradouras e eficazes de dominação étnica-racial, de modo que pela negação do conhecimento do outro é que se efetiva a legitimidade das formas de conhecimentos, do conhecimento produzido pelos grupos dominados e, consequentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento.

O racismo epistêmico, e o epidemicídio consolidam o racismo institucional que conta com eficazes mecanismos de manutenção de estatutos de privilégio racial nas instituições, e nessa perspectiva, nessa arena, onde as epistemologias se encontram em disputa para a produção do conhecimento é que se faz os questionamentos ora apresentado.

#### Considerações finais

Diante do exposto, o que podemos questionar é que a universidade em sua estrutura tem corroborado nas escolhas das epistemologias. E que a mesma tem trabalhado para a manutenção do epistemícidio quando se propõe a trabalhar sob uma perspectiva única e uma epistemologia universal, ao não se colocar por exemplo autores(as), cientistas, filósofos(as), historiadores(as) negros(as) nas referências bibliográficas das disciplinas.

Após a discussão acima enfrentada, apontamos a necessidade da descolonização do conhecimento. Pontuamos "necessidade" porque enfatizamos que é preciso que a academia enxergue as diversas epistemologias.

Para que assim além de reconhecimento e identidade para uma parcela expressiva da população que tem sido historicamente negligenciada, tal empreitada trará diversidade e pluralismo para o debate público, e este deve ser um compromisso ético e político para com a

história deste país que se construiu e se consolidou por meio da hierarquia de um grupo étnico-racial sobre o outro.

## REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. "Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano". Estud. av., São Paulo, v. 11, n. 30, 1997.

Aparecida Sueli CARNEIRO. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

BERNARDINO, Joaze. "Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil". Estud. afro-asiát., Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, 2002.

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. Pele Negra, Máscaras Brancas. Salvador:EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. Difusão Europeia do Livro. São Paulo, 1972.

FREYRE, Gilberto. Casa grande e senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GILROY, Paul. O atlântico negro – modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001

GOMES, Tiago de Melo. "Afro-Brasileiros e a Construção da Ideia de Democracia Racial nos Anos 1920". Linhas, vol. 8, n.1, Santa Catarina, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. "A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos)". Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 121-142, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. Classes, raças e democracia. São Paulo: Editora 34, 2002.

HANDLER, Jerome & HAYES, Kelly. "Escrava Anastácia: The Iconographic History of a Brasilian Popular Saint." In: African Diaspora: Journal of Journal of Transnational Africa in a Global World. n. 2 p. 25-51, 2009.

KILOMBA, grada "DESCOLONIZANDO O CONHECIMENTO Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba" Tradução: Jessica Oliveira - Disponível: <a href="https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf">https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf</a> Acesso em: 8 Ago 2018.



KILOMBA, Grada. "The Mask". In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism.Münster: Unrast Verlag. 2. Auflage, 2010.

MUNANGA, K. "Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia." Disponível: < <a href="https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf">https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf</a>> Acesso em: 20 Out 2018.

SANTOS, S. Boaventura. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995. Sueli Carneiro